JORGE LUIS BORGES

# O fazedor

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

# JORGE LUIS BORGES

1899-1986




**Tradução de Josely Vianna Baptista**

JORGE LUIS BORGES
OBRAS COMPLETAS
VOLUME II
1952-1972

Título do original em espanhol: Jorge Luis Borges - Obras Completas Copyright © 1998 by Maria Kodama Copyright © 1999 das traduções by Editora Globo S.A.

1ª Reimpressão-9/99 2ª Reimpressão-12/00

Edição baseada em Jorge Luis Borges - Obras Completas, publicada por Emecé Editores S.A., 1989, Barcelona - Espanha.

Coordenação editorial: Carlos V. Frias Capa: Joseph Ubach / Emecé Editores Ilustração: Alberto Ciupiak Coordenação editorial da edição brasileira: Eliana Sá Assessoria editorial: Jorge Schwartz Revisão das traduções: Jorge Schwartz e Maria Carolina de Araujo Preparação de originais: Maria Carolina de Araujo Revisão de textos: Márcia Menin Projeto gráfico: Alves e Miranda Editorial Ltda.

Fotolitos: AM Produções Gráficas Ltda.

Agradecimentos a Adria Frizzi, Ana Giménez, Christopher E Laferl, Edgardo Krebs, Élida Lois, Eliot Weinberger, Enrique Fierro, Francisco Achcar, Haroldo de Campos, Ida Vitale, José Antônio Arantes e Maite Celada Direitos mundiais em língua portuguesa, para o Brasil, cedidos à EDITORA GLOBO S.A.

Avenida Jaguaré, 1485
CEP 0534-902 - Tel.: 3767-7000, São Paulo, SP
e-mail: atendimento@edglobo.com.br

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte - Câmara Brasileira do Livro, SP

Borges, Jorge Luis, 1899-1986.

Obras completas de Jorge Luis Borges, volume 2 / Jorge Luis Borges. - São Paulo: Globo, 2000.

Título original: Obras completas Jorge Luis Borges.

Vários tradutores.

v. 1. 1923-1949 / v. 2.1952-1972 ISBN 85-250-2877-0 (v. 1) ISBN 85-250-2878-9 (v. 2) 1. Ficção argentina 1. Título.

CDD-ar863.4

Índices para catálogo sistemático 1. Ficção: Século 20: Literatura argentina
ar863.4

1. Século 20 : Ficção : Literatura argentina
ar863.4

# Índice

Para Leopoldo Lugones
O fazedor
Dreamtigers
Diálogo sobre um diálogo
As unhas
Os espelhos velados
Argumentum ornithologicum
O cativo
O simulacro
Delia Elana San Marco
Diálogo de mortos
A trama
Um problema
Uma rosa amarela
A testemunha
Martín Fierro
Mutações
Parábola de Cervantes e de Quixote
Paradiso, XXXI, 108
Parábola do palácio
Everthing and nothing
Ragnarök
Inferno, I, 32
Borges e eu
Poema dos dons
O relógio de areia
Xadrez
Os espelhos
Elvira de Alvear
Susana Soca
A lua
A chuva
À efígie de um capitão dos exércitos de Cromwell
A um velho poeta

O outro tigre
Blind Pew
Alusão a uma sombra de mil oitocentos e noventa e tantos
Alusão à morte do Coronel Francisco Borges (1835-1874)
In memoriam A. R.
Os Borges
A Luís Camões
Mil novecentos e vinte e tantos
Ode composta em 1960
Ariosto e os árabes
Ao iniciar o estudo da gramática anglo-saxônica
Lucas, 23
Adrogué
Arte poética
Museu
    Do rigor em ciência
    Quadra
    Limites
    O poeta declara seu renome
    O inimigo generoso
    Le Regret d'Héraclite
    In memoriam J.F.K.
Epílogo

# A Leopoldo Lugones

*Os rumores da praça ficam para trás e entro na Biblioteca. De modo quase físico sinto a gravitação dos livros, o espaço sereno de uma ordem, o tempo dissecado e conservado magicamente. À esquerda e à direita, absortos em seu lúcido sonho, perfilam-se os rostos momentâneos dos leitores, à luz das lâmpadas estudiosas, como na hipálage de Milton. Lembro-me de já haver lembrado essa figura, neste lugar, e depois aquele outro epíteto que também define pelo contorno, o árido camelo do* Lunário*, e depois aquele hexâmetro da* Eneida *, que maneja e supera o mesmo artifício:*

Ibant obscuri sola sub nocte per umbram.1

*Estas reflexões me deixam à porta de seu escritório. Entro; depois de trocarmos algumas convencionais e cordiais palavras, entrego-lhe este livro.*

*Se não me engano, você não me queria mal, Lugones, e teria gostado de gostar de algum trabalho meu. Isso nunca ocorreu, mas desta vez você vira as páginas e lê com aprovação um que outro verso, talvez por reconhecer nele sua própria voz, talvez porque a prática deficiente lhe importe menos que a sã teoria.*

*Neste ponto meu sonho se desfaz, como a água na água. A vasta biblioteca que me rodeia está na rua México, não na rua Rodríguez Peña, e você, Lugones, se matou no início de trinta e oito. Minha vaidade e minha nostalgia armaram uma cena impossível. Pode ser (digo para mim mesmo), mas amanhã eu também estarei morto e nossos tempos se confundirão e a cronologia se perderá num orbe de símbolos e de algum modo será justo afirmar que eu lhe trouxe este livro e que você o aceitou.*

J. L. B.

*Buenos Aires, 9 de agosto de 1960.*

---

*1 "Iam obscuros, sob a noite só, pelas sombras." (N. da T.)*

# O fazedor

NUNCA SE HAVIA demorado nos gozos da memória. As imprecisões deslizavam sobre ele, momentâneas e vívidas; o vermelhão de um oleiro, a abóbada repleta de estrelas que também eram deuses, a lua, da qual havia caído um leão, a lisura do mármore sob os lentos dedos sensíveis, o gosto da carne de javali, que gostava de dilacerar com dentadas brancas e bruscas, uma palavra fenícia, a sombra negra que uma lança projeta na areia amarela, a proximidade do mar ou das mulheres, o encorpado vinho cuja aspereza atenuava o mel, podiam envolver por inteiro o espaço de sua alma. Conhecia o terror, mas também a cólera e a coragem, e certa vez foi quem primeiro escalou a muralha inimiga. Ávido, curioso, casual, sem outra lei que a fruição e a indiferença imediata, andou pela variada terra e contemplou, em uma e em outra margem do mar, as cidades dos homens e seus palácios. Nos mercados populosos ou no sopé da montanha de cume incerto, onde era bem possível haver sátiros, ouvira complicadas histórias, que recebeu como recebia a realidade, sem perguntar se eram verdadeiras ou falsas.

Gradualmente, o aprazível universo o foi abandonando; uma insistente névoa apagou as linhas de sua mão, a noite se despovoou de estrelas, a terra era insegura sob seus pés. Tudo se afastava e se confundia. Quando soube que estava ficando cego, gritou; o pudor estoico ainda não fora inventado e Heitor podia fugir sem menoscabo. " *Não verei mais* (sentiu) *nem o céu cheio de pavor mitológico nem este rosto que os anos vão transformar*." Dias e noites se passaram sobre esse desespero de sua carne, mas certa manhã ele acordou, olhou (já sem assombro) para as coisas indistintas que o cercavam e inexplicavelmente sentiu, como quem reconhece uma música ou uma voz, que tudo isso já lhe acontecera e que ele o enfrentara com temor, mas também com júbilo, esperança e curiosidade. Descendeu então a sua memória, que lhe pareceu interminável, e conseguiu extrair daquela vertigem a lembrança perdida que reluziu feito a moeda sob a chuva, talvez porque nunca a tivesse olhado, a não ser, talvez, em um sonho.

A lembrança era assim. Outro rapaz o insultara e ele acorrera a seu pai para contar-lhe a história. Este deixou-o falar como se não estivesse ouvindo ou entendendo e despendurou da parede um punhal de bronze, belo e poderoso, que o menino cobiçara furtivamente. Agora estava com ele nas mãos e a surpresa da posse anulou o ultraje sofrido, mas a voz do pai estava dizendo: " *Que alguém saiba que és um homem*", e havia uma ordem na voz. A noite ofuscava os

caminhos; abraçado ao punhal, em que pressentia uma força mágica, desceu a ladeira íngreme que rodeava a casa e correu pela beira do mar, sonhando-se Ajax e Perseu e povoando de ferimentos e batalhas a obscuridade salobra. O gosto exato daquele instante era o que ele buscava agora; o resto não lhe era importante: as afrontas do desafio, o torpe combate, o retorno com a lâmina sangrenta.

Outra lembrança, em que também existia uma noite e a iminência de aventura, brotou daquela. Uma mulher, a primeira que os deuses lhe depararam, o havia esperado na sombra de um hipogeu, e ele a procurou por galerias que eram como redes de pedra e por declives que afundavam na sombra. Por que o alcançavam essas lembranças e por que o alcançavam sem amargura, feito mera prefiguração do presente?

Com grave assombro compreendeu. Nesta noite de seus olhos mortais, à qual agora descendia, aguardavam-no também o amor e o risco. Ares e Afrodite, porque já adivinhava (porque já o rodeava) um rumor de glória e de hexâmetros, um rumor de homens que defendem um templo que os deuses não salvarão e de baixéis negros que buscam no mar uma ilha querida, o rumor das Odisseias e Ilíadas que era seu destino cantar e deixar ressoando concavamente na memória humana. Sabemos estas coisas, mas não as que sentiu ao descender à última sombra.

## *Dreamtigers*

Na infância pratiquei com fervor a adoração do tigre: não o tigre oveiro dos camalotes do Paraná e da confusão amazônica, mas o tigre rafado, asiático, real, que só homens aguerridos podem enfrentar, sobre um castelo em cima de um elefante. Eu costumava demorar-me infindavelmente diante de uma das jaulas do Zoológico; apreciava as vastas enciclopédias e os livros de história natural, pelo esplendor de seus tigres. (Ainda me lembro dessas figuras: eu, que não consigo recordar sem engano a fronte ou o sorriso de uma mulher.) A infância passou, caducaram os tigres e sua paixão, mas eles prosseguem em meus sonhos. Nessa tela submersa ou caótica continuam prevalecendo, e deste modo: Adormecido, distrai-me um sonho qualquer, e de repente percebo que é um sonho. Costumo pensar, então: Isto é um sonho, pura diversão de minha vontade, e, já que tenho um poder ilimitado, vou produzir um tigre.

Oh, incompetência! Nunca meus sonhos sabem engendrar a almejada fera. O tigre aparece, sim, mas dissecado ou fraco, ou com impuras variações de forma, ou de um tamanho inadmissível, ou muito fugaz, ou tirante a cão ou a pássaro.

# Diálogo sobre um diálogo

A. — Distraídos em discorrer sobre a imortalidade, tínhamos deixado que anoitecesse sem acender a lâmpada. Não víamos nossos rostos. Com uma indiferença e uma serenidade mais convincentes que o fervor, a voz de Macedonio Fernández repetia que a alma é imortal. Assegurava-me que a morte do corpo é totalmente insignificante e que morrer deve ser o fato mais nulo que pode acontecer a um homem. Eu brincava com a navalha de Macedonio; a abria e a fechava. Um acordeom vizinho desfiava infinitamente *La Cumparsita*, essa cantilena consternada que agrada a muitas pessoas, porque lhes mentiram que é antiga... Sugeri a Macedonio que nos suicidássemos, para discutirmos sem estorvo.

Z (zombeteiro). — Mas imagino que no fim não se resolveram.

A (já em plena mística). — Francamente, não me lembro se naquela noite nos suicidamos.

# As unhas

Dóceis meias os afagam de dia e sapatos de couro pregados os fortalecem, mas os dedos de meus pés não querem saber. Nada mais lhes interessa além de emitir unhas: lâminas córneas, semitransparentes e elásticas para se defenderem; de quem? Brutos e desconfiados como eles só, não deixam nem por um segundo de preparar esse tênue arsenal. Renegam o universo e o êxtase para seguir elaborando infindavelmente pontas inúteis, que aparam e tornam a aparar as bruscas tesouradas de Solingen. Em noventa dias crepusculares de resguardo pré-natal estabeleceram essa única indústria.

Quando eu estiver sepultado em La Recoleta, em uma casa cinzenta guarnecida de flores secas e talismãs, continuarão seu obstinado trabalho, até que os modere a decomposição. Eles, e a barba em meu rosto.

# Os espelhos velados

O Islã assevera que, no dia inapelável do Juízo, todo perpetrador da imagem de uma coisa viva ressuscitará com suas obras, e lhe será ordenado que as anime, e ele fracassará, e será entregue com ela ao fogo do castigo. Quando menino, conheci esse horror a uma duplicação ou multiplicação espectral da realidade, mas diante dos grandes espelhos. Seu infalível e contínuo funcionamento, sua perseguição de meus atos, sua pantomima cósmica eram então sobrenaturais, desde que anoitecia. Um de meus instantes rogos a Deus e a meu anjo da guarda era o de não sonhar com espelhos. Sei que os vigiava com inquietude. Algumas vezes temi que começassem a divergir da realidade; outras, ver neles meu rosto desfigurado por adversidades estranhas. Soube que esse temor está, outra vez, prodigiosamente no mundo. A história é muito simples. E desagradável.

Em mil novecentos e vinte e sete, conheci uma jovem sombria: primeiro por telefone (porque Júlia começou sendo uma voz sem nome e sem rosto); depois, em uma esquina ao entardecer. Tinha os olhos assustadoramente grandes, os cabelos negros e escorridos, o corpo estrito. Era neta e bisneta de federalistas, como eu de unitários, e essa antiga discórdia de nossos sangues era para nós um vínculo, uma melhor posse da pátria. Vivia com os seus em um desmantelado casarão de teto altíssimo, no ressentimento e na insipidez da decência pobre. De tarde — raras vezes de noite — saíamos para caminhar por seu bairro, que era o de Balvanera. Margeávamos o paredão da estrada de ferro; pela Sarmiento certa vez fomos até as clareiras do Parque Centenario.

Entre nós não houve amor nem ficção de amor: eu adivinhava nela uma intensidade que era totalmente estranha à erótica, e a temia. É comum contar às mulheres, para estabelecer intimidade, traços verdadeiros ou apócrifos do passado pueril; devo ter-lhe falado dos espelhos e sugeri, assim, em 1928, uma alucinação que floresceria em 1931. Agora, acabo de saber que ela enlouqueceu e que em seu quarto os espelhos estão velados, porque neles vê meu reflexo, usurpando o seu, e treme e se cala e diz que eu a persigo magicamente.

Infausta servidão a de minha face, a de uma de minhas antigas faces. Esse odioso destino de minhas feições tem que me tornar odioso também, mas já não me importa.

## *Argumentum ornithologicum*

Fecho os olhos e vejo um bando de pássaros. A visão dura um segundo, talvez menos; não sei quantos pássaros vi. Era definido ou indefinido seu número? O problema envolve o da existência de Deus. Se Deus existe, o número é definido, porque Deus sabe quantos pássaros vi. Se Deus não existe, o número é indefinido, porque ninguém conseguiu fazer a conta. Neste caso, vi menos de dez pássaros (digamos) e mais de um, mas não vi nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três ou dois pássaros. Vi um número entre dez e um, que não é nove, oito, sete, seis, cinco, etcétera. Esse número inteiro é inconcebível; *ergo,* Deus existe.

# O cativo

Em Junín ou em Tapalquén relatam a história. Um menino desapareceu depois de um ataque indígena; disseram que os índios o haviam roubado. Seus pais o procuraram inutilmente; anos depois, um soldado que vinha do interior falou-lhes de um índio de olhos azuis que bem poderia ser seu filho. Por fim, deram com ele (a crônica perdeu as circunstâncias e não quero inventar o que não sei) e pensaram reconhecê-lo. O homem, trabalhado pelo deserto e pela vida bárbara, já não sabia ouvir as palavras da língua natal, mas deixou-se levar, indiferente e dócil, até a casa. Aí ele parou, talvez porque os outros parassem. Olhou para a porta, como se não a entendesse. De repente, abaixou a cabeça, gritou, atravessou correndo o vestíbulo e os dois longos pátios e se meteu na cozinha. Sem vacilar, enfiou o braço na enegrecida chaminé e apanhou a faquinha com cabo de chifre que escondera aí, quando menino. Seus olhos brilharam de alegria e os pais choraram porque tinham encontrado o filho.

Talvez a esta lembrança tenham seguido outras, mas o índio não podia viver entre paredes e um dia foi em busca de seu deserto. Gostaria de saber o que sentiu naquele instante de vertigem em que o passado e o presente se confundiram; gostaria de saber se o filho perdido renasceu e morreu naquele êxtase ou se conseguiu reconhecer, ao menos como uma criança ou um cão, os pais e a casa.

# O simulacro

Em um dos dias de julho de 1952, o enlutado apareceu naquele lugarejo do Chaco. Era alto, magro, com feições de índio e rosto inexpressivo de tonto ou de máscara; as pessoas o tratavam com deferência, não por ele, mas pelo que representava ou era agora. Escolheu um rancho próximo do rio; com a ajuda de algumas vizinhas armou uma tábua sobre dois cavaletes e sobre ela uma caixa de papelão com uma boneca de cabelos loiros. Além disso, acenderam quatro velas em altos castiçais e puseram flores ao redor. As pessoas não tardaram a chegar. Velhas desesperadas, meninos atônitos, peões que tiravam com respeito o chapéu de palha desfilavam diante da caixa e repetiam: "Meus sentidos pêsames, General". Este, muito pesaroso, recebia-os junto à cabeceira, as mãos cruzadas sobre o ventre, feito mulher grávida.

Esticava a direita para apertar a mão que lhe estendiam e respondia com inteireza e resignação: "Era o destino. Tudo que era humanamente possível foi feito". Um mealheiro de lata recebia a quota de dois pesos e a muitos não bastou vir uma única vez.

Que espécie de homem (pergunto-me) planejou e executou essa fúnebre farsa? Um fanático, um triste, um alucinado ou um impostor e um cínico?

Pensaria ser Perón ao representar seu lastimoso papel de viúvo macabro? A história é incrível, mas aconteceu, e não uma única vez, quem sabe, e sim muitas, com diversos atores e diferenças locais. Nela está a síntese perfeita de uma época irreal, e é como o reflexo de um sonho ou como aquele drama no drama que se vê em *Hamlet*. O enlutado não era Perón e a boneca loira não era a mulher Eva Duarte, mas tampouco Perón era Perón nem Eva era Eva, e sim desconhecidos ou anônimos (cujo nome secreto e cujo rosto verdadeiro ignoramos) que figuraram, para o crédulo amor dos arrabaldes, uma crassa mitologia.

## Delia Elena San Marco

Despedimo-nos em uma das esquinas do Once.

Da outra calçada tornei a olhar; você tinha-se virado e me acenou com a mão.

Um rio de veículos e de gente corria entre nós; eram cinco horas de uma tarde qualquer; como eu podia saber que aquele rio era o triste Aqueronte, o intransponível?

Não nos vimos mais e um ano depois você estava morta.

E agora procuro essa memória e a observo e penso que era falsa e que por trás da despedida trivial estava a infinita separação.

Ontem à noite não saí depois do jantar e reli, para compreender essas coisas, o último ensinamento que Platão põe na boca de seu mestre. Li que a alma pode fugir quando a carne morre.

E agora não sei se a verdade está na infausta interpretação ulterior ou na despedida inocente.

Porque, se as almas não morrem, é bom que em suas despedidas não haja ênfase.

Dizer adeus é negar a separação, ou seja *: "Hoje brincamos de nos separar, mas nos veremos amanhã*". Os homens inventaram o adeus porque se sabem de algum modo imortais, embora se julguem contingentes e efêmeros.

Delia: um dia reataremos — à margem de que rio? — este diálogo incerto e nos perguntaremos se algum dia, em uma cidade que se perdia em uma planície, fomos Borges e Delia.

# Diálogo de mortos

O homem chegou do sul da Inglaterra em um amanhecer do inverno de 1877. Corado, atlético e obeso, foi inevitável que quase todos o acreditassem inglês, e a verdade é que se parecia notavelmente com o arquetípico John Bull.

Usava chapéu de copa e uma curiosa manta de lã com uma abertura no meio.

Um grupo de homens, mulheres e crianças o esperava com ansiedade; em muitos uma linha vermelha riscava a garganta, outros não tinham cabeça e andavam com receio, vacilantes, como quem caminha nas sombras. Foram cercando o forasteiro e, lá do fundo, alguém gritou um palavrão, mas um terror antigo os detinha e não se atreveram a mais nada. Adiantou-se a todos um militar de pele citrina e olhos como tições; a cabeleira revolta e a barba soturna pareciam comer-lhe o rosto. Dez ou doze ferimentos mortais sulcavam seu corpo como as listras na pele dos tigres. O forasteiro, ao vê-lo, alterou-se, mas logo avançou e estendeu-lhe a mão.

— Que aflição ver um guerreiro tão notável derrubado pelas armas da perfídia! — disse em tom rotundo. — Mas também que íntima satisfação ter ordenado que os vitimários purgassem seus crimes no patíbulo, na praça da Vitória!

— Se está falando de Santos Pérez e dos Reinafé, saiba que já lhes agradeci — disse com lenta gravidade o ensanguentado.

O outro fitou-o como se receasse uma zombaria ou uma ameaça, mas Quiroga prosseguiu: — Rosas, você nunca me entendeu. E como ia me entender, se foram tão diversos nossos destinos? A você coube mandar em uma cidade, que olha para a Europa e que será das mais famosas do mundo; a mim, guerrear pelos ermos da América, em uma terra pobre, de gaúchos pobres. Meu império foi de lanças e de gritos e de areais e de vitórias quase secretas em lugares perdidos. Que títulos são esses para a lembrança? Eu vivo e seguirei vivendo por muitos anos na memória das pessoas porque morri assassinado em uma carroça, no lugar chamado Barranca Yaco, por homens com cavalos e espadas. Devo a você esta dádiva de uma morte bizarra, que não soube apreciar naquela hora, mas que as gerações seguintes não quiseram esquecer. Você não deve desconhecer umas litografias muito primorosas e a obra interessante que redigiu um valoroso San juanino.

Rosas, que retomara o prumo, olhou-o com desdém.

— Você é um romântico — sentenciou. — O favor da posteridade não vale

muito mais do que o contemporâneo, que não vale nada e que se consegue com algumas divisas.

— Conheço seu modo de pensar — respondeu Quiroga. — Em 1852, o destino, que é generoso ou queria sondá-lo até o fundo, ofereceu-lhe uma morte de homem, em uma batalha. Você mostrou-se indigno desse presente, porque o combate e o sangue lhe deram medo.

— Medo? — repetiu Rosas. — Eu, que domei potros no Sul e depois todo um país?

Pela primeira vez, Quiroga sorriu.

— Eu sei — disse com lentidão — que você executou mais de uma lindeza a cavalo, segundo o testemunho imparcial de seus capatazes e peões; mas naquela época, na América e também a cavalo, executaram-se outras lindezas que se chamam Chacabuco e Junín e Palma Redonda e Caseros.

Rosas ouviu-o sem se alterar e replicou deste modo: — Não precisei ser valente. Uma de minhas lindezas, como você diz, foi conseguir que homens mais valentes que eu lutassem e morressem por mim.

Santos Pérez, por exemplo, que acabou com você. A coragem é uma questão de aguente; uns aguentam mais, outros menos, mas cedo ou tarde todos fraquejam.

— Pode ser — disse Quiroga –, mas eu vivi e morri e até hoje não sei o que é o medo. E agora quero que me apaguem, que me deem outro rosto e outro destino, porque a história se cansa dos violentos. Não sei quem será o outro, o que farão comigo, mas sei que não terá medo.

— A mim me basta ser o que sou — disse Rosas — e não quero ser outro.

— Também as pedras querem ser pedras para sempre — disse Quiroga — e durante séculos o são, até que se desfazem em pó. Eu pensava como você quando entrei na morte, mas aqui aprendi muitas coisas. Observe, já estamos mudando, os dois.

Mas Rosas não lhe deu atenção e disse, como se pensasse em voz alta: — Vai ver não estou afeito a estar morto, mas estes lugares e esta discussão me parecem um sonho, e não um sonho sonhado por mim, e sim por outro, que ainda está por nascer.

Pararam de falar porque, nesse instante, Alguém os chamou.

## A trama

Para que seu horror seja perfeito, César, acossado ao pé de uma estátua pelos impacientes punhais de seus amigos, descobre entre os rostos e os aços o de Marco Júnio Bruto, seu protegido, talvez seu filho, e já não se defende, exclamando: "Até tu, meu filho!". Shakespeare e Quevedo recolhem o patético grito.

Ao destino agradam as repetições, as variantes, as simetrias; dezenove séculos depois, no sul da província de Buenos Aires, um gaúcho é agredido por outros gaúchos e, ao cair, reconhece um afilhado seu e lhe diz com mansa reprovação e lenta surpresa (estas palavras devem ser ouvidas, não lidas): " *Pero, che*!". Matam-no e ele não sabe que morre para que se repita uma cena.

# Um problema

Imaginemos que em Toledo é encontrado um papel com um texto arábico e que paleógrafos o declaram um de punho e letra daquele Cide Hamete Benengeli de quem Cervantes derivou o Dom Quixote. No texto lemos que o herói (que, como se sabe, percorria os caminhos da Espanha, armado de espada e lança, e desafiava qualquer um por qualquer motivo) descobre, no final de um e seus muitos combates, que deu morte a um homem. Neste ponto cessa o fragmento; o problema é adivinhar, ou conjeturar, como reage Dom Quixote.

Que eu saiba, há três respostas possíveis. A primeira é de índole negativa; nada especial acontece, porque no mundo alucinatório de Dom Quixote a morte não é menos comum que a magia e ter matado um homem não tem por que abalar quem se bate, ou acredita bater-se, com endríagos e encantadores. A segunda é patética. Dom Quixote jamais conseguiu esquecer que era uma projeção de Alonso Quijano, leitor de histórias fabulosas; ver a morte, compreender que um sonho o levou á culpa de Caim, desperta-o de sua consentida loucura talvez para sempre. A terceira talvez seja a mais verossímil. Morto aquele homem, Dom Quixote não pode admitir que o ato tremendo é obra de um delírio; a realidade do efeito o faz pressupor uma igual realidade da causa e Dom Quixote não sairá nunca de sua loucura.

Resta outra conjetura, que é alheia ao orbe espanhol e mesmo ao orbe do Ocidente e requer um âmbito mais antigo, mais complexo mais fatigado. Dom Quixote — que já não é Dom Quixote, mas um rei dos ciclos do Industão — intui diante do cadáver do inimigo que matar e gerar são atos divinos ou mágicos que notoriamente transcendem a condição humana. Sabe que o morto é ilusório, como também são a espada sangrenta que lhe pesa na mão e ele mesmo e toda sua vida pretérita e os vastos deuses e o universo.

# Uma rosa amarela

Nem naquela tarde nem na outra morreu o ilustre Giambattista Marini, que as bocas unanimes da Fama (para usar uma imagem que lhe foi cara) proclamaram o novo Homero e o novo Dante, mas o fato imóvel e silencioso que então ocorreu foi na verdade o último de sua vida. Coberto de anos e de glória, o homem falecia em um vasto leito espanhol de colunas lavradas. Não custa nada imaginar a poucos passos uma serena sacada que olha para o poente e, mais abaixo, mármores e louros e um jardim que duplica suas gradarias em uma água retangular. Uma mulher colocou em um copo uma rosa amarela; o homem murmura os versos inevitáveis que a ele mesmo, para falar com sinceridade, aborrecem um pouco: *Púrpura do jardim, pompa do prado, botão de primavera, olho de abril...*

Então deu-se a revelação. Marini *viu* a rosa, como Adão pôde vê-la no Paraíso, e sentiu que ela estava em sua eternidade e não em suas palavras e que podemos mencionar ou aludir mas não expressar e que os altos e soberbos volumes que formavam em um ângulo da sala uma penumbra de ouro não eram (como sua vaidade sonhou) um espelho do mundo, mas uma coisa a mais acrescentada ao mundo.

Esta iluminação Marini alcançou na véspera de sua morte, e Homero e Dante talvez também a tenham alcançado.

# A testemunha

Em um estábulo situado quase à sombra da nova igreja de pedra, um homem de olhos cinzentos e barba cinzenta, estendido entre o cheiro dos animais, humildemente procura a morte como quem procura o sonho. O dia, fiel a vastas leis secretas, vai deslocando e confundindo as sombras no pobre recinto; lá fora estão as terras aradas e um fosso entulhado de folhas mortas e algum rastro de lobo no barro negro onde começam os bosques. O homem dorme e sonha, esquecido. O toque de oração o desperta. Nos reinos da Inglaterra o som de sinos já é um dos hábitos da tarde, mas o homem, quando criança, viu a cara de Woden, o horror divino e a exultação, o tosco ídolo de madeira carregado de moedas romanas e de vestimentas pesadas, o sacrifício de cavalos, cães e prisioneiros. Antes do alvorecer morrerá e com ele morrerão, sem retornar jamais, as últimas imagens imediatas dos ritos pagãos; o mundo será um pouco mais pobre quando este saxão estiver morto.

Fatos que povoam o espaço e que chegam ao fim quando alguém morre podem maravilhar-nos, mas uma coisa, ou um número infinito de coisas, morre em cada agonia, a não ser que exista uma memória do universo, como conjeturaram os teósofos. No tempo houve um dia que apagou os últimos olhos que viram Cristo; a batalha de Junín e o amor de Helena morreram com a morte de um homem. O que morrerá comigo quando eu morrer, que forma patética ou perecível o mundo perderá? A voz de Macedonio Fernández, a imagem de um cavalo colorado no baldio de Serrano e de Charcas, uma barra de enxofre na gaveta de uma escrivaninha de mogno?

# Martín Fierro

Desta cidade saíram exércitos que pareciam grandes e que depois o foram pela magnificação da glória. Depois de anos, um dos soldados voltou e, com sotaque forasteiro, contou histórias que lhe tinham sucedido em lugares chamados Ituzaingó ou Ayacucho. Estas coisas, agora, são como se não tivessem sido.

Houve aqui duas tiranias. Durante a primeira, alguns homens, do pescante de uma carroça que saía do mercado do Prata, apregoaram pêssegos brancos e amarelos; um menino levantou uma ponta da lona que os cobria e viu cabeças unitárias com a barba ensanguentada. A segunda foi para muitos cárcere e morte; para todos um mal-estar, um gosto de opróbrio nos atos de cada dia, uma humilhação incessante. Estas coisas, agora, são como se não tivessem sido.

Um homem que sabia todas as palavras olhou com minucioso amor as plantas e os pássaros desta terra e os definiu, talvez para sempre, e escreveu com metáforas de metais a vasta crônica dos tumultuosos poentes e das formas da lua. Estas coisas, agora, são como se não tivessem sido.

Também aqui as gerações conheceram essas vicissitudes comuns e de certo modo eternas que são a matéria da arte. Estas coisas, agora, são como se não tivessem sido, mas em um quarto de hotel, pelos anos de mil oitocentos e sessenta e tantos, um homem sonhou uma peleja. Um gaúcho levanta um negro com a faca, arremessa-o como a um saco de ossos, vê-o agonizar e morrer, agacha-se para limpar o aço, desamarra seu cavalo e monta devagar, para que não pensem que está fugindo. O que aconteceu uma vez volta a acontecer, infinitamente; os visíveis exércitos se foram e resta um pobre duelo de facas; o sonho de um é parte da memória de todos.

# Mutações

Em um corredor vi uma flecha que indicava uma direção e pensei que aquele símbolo inofensivo tinha sido algum dia uma coisa de ferro, um projétil inevitável e mortal, que entrou na carne dos homens e dos leões e nublou o sol nas Termópilas e deu a Harald Sigurdarson, para sempre, sete palmos de terra inglesa.

Dias depois, alguém me mostrou uma fotografia de um ginete magiar; um laço enrodilhado rodeava o peito de sua cavalgadura. Soube que o laço, que antes andou pelo ar e prendeu os touros do pasto, não passava de um luxo insolente do arreio domingueiro.

No cemitério do Oeste vi uma cruz rúnica, lavrada em mármore vermelho; os braços eram curvos e se estendiam e os rodeava um círculo. Essa cruz restrita e limitada figurava a outra, de braços livres, que por sua vez figura o patíbulo em que um deus padeceu, a "máquina vil" insultada por Luciano de Samosata.

Cruz, laço e flecha, velhos utensílios do homem, hoje rebaixados ou elevados a símbolos; não sei por que me maravilham, quando não há na terra uma só coisa que o esquecimento não apague ou que a memória não altere e quando ninguém sabe em que imagens o traduzirá o futuro.

# Parábola de Cervantes e de Quixote

Cansado de sua terra de Espanha, um velho soldado do rei procurou consolo nas vastas geografias de Ariosto, naquele vale da lua onde fica o tempo que os sonhos desperdiçam e no ídolo de ouro de Maomé que Montalbán roubou.

Em mansa zombaria de si mesmo, idealizou um homem crédulo que, perturbado pela leitura de maravilhas, deu de buscar proezas e encantamentos em lugares prosaicos que se chamavam El Toboso ou Montiel.

Vencido pela realidade, pela Espanha, Dom Quixote morreu em sua aldeia natal por volta de 1614. Pouco tempo sobreviveu a ele Miguel de Cervantes.

Para os dois, para o sonhador e o sonhado, toda essa trama foi a oposição de dois mundos: o mundo irreal dos livros de cavalaria, o mundo cotidiano e comum do século XVII

.

Não imaginaram que os anos acabariam por limar a discórdia, não imaginaram que La Mancha e Montiel e a magra figura do cavaleiro seriam, para o futuro, não menos poéticas que as jornadas de Simbad ou que as vastas geografias de Ariosto.

Porque no princípio da literatura está o mito, e também no fim.

*Clínica Devoto, janeiro de 1955.*

## *Paradiso* , XXXI , 108

Diodoro Síciulo narra a história de um deus dilacerado e disperso. Quem, ao andar pelo crepúsculo ou ao descrever uma época de seu passado, não sentiu em algum momento que uma coisa infinita se perdera?

Os homens perderam um rosto, um rosto irrecuperável, e todos queriam ser aquele peregrino (sonhado no empíreo, sob a Rosa) que em Roma vê o sudário de Verônica e murmura com fé: Jesus Cristo, meu Deus, Deus verdadeiro, era assim, então, o teu rosto?

Um rosto de pedra há em um caminho e uma inscrição que diz *"O verdadeiro Retrato do Santo Rosto do Deus de Jaén*"; se realmente soubéssemos como foi, seria nossa a chave das parábolas e saberíamos se o filho do carpinteiro foi também o Filho de Deus.

Paulo o viu como uma luz que o prostrou; João, como o sol quando resplandece em sua força; Teresa de Jesus, muitas vezes, banhado em luz tranquila, e nunca pôde definir a cor de seus olhos.

Perdemos esses traços, como pode perder-se um número mágico, feito de cifras habituais; como se perde para sempre uma imagem no caleidoscópio.

Podemos vê-los e ignorá-los. O perfil de um judeu no subterrâneo talvez seja o de Cristo; as mãos que nos dão umas moedas em um postigo talvez repitam as que alguns soldados, certo dia, cravaram na cruz.

Talvez um traço do rosto crucificado espreite em cada espelho; talvez o rosto tenha morrido, se apagado, para que Deus seja todos.

Quem sabe não o veremos esta noite nos labirintos do sonho, sem saber disso amanhã.

# Parábola do palácio

Naquele dia, o Imperador Amarelo mostrou seu palácio ao poeta. Foram deixando para trás, em longo desfile, os primeiros terraços ocidentais que, como degraus de um quase inabarcável anfiteatro, declinam rumo a um paraíso ou jardim cujos espelhos de metal e cujos intrincados cercos de zimbro já prefiguravam o labirinto. Alegremente perderam-se nele, de início como se condescendessem com um jogo e depois não sem inquietude, porque suas avenidas retas sofriam uma curvatura muito suave mas contínua e secretamente eram círculos. Por volta da meia-noite, a observação dos planetas e o oportuno sacrifício de uma tartaruga permitiram que se desligassem dessa região que parecia enfeitiçada, mas não do sentimento de estar perdido, que os acompanhou até o fim. Antecâmaras e pátios e bibliotecas percorreram depois e uma sala hexagonal com uma clepsidra, e certa manhã divisaram, de uma torre, um homem de pedra, que logo perderam para sempre. Muitos resplandecentes rios atravessaram em canoas de sândalo, ou um único rio muitas vezes. Passava o séquito imperial e as pessoas se prosternavam, mas um dia arribaram a uma ilha em que alguém não fez isso, por nunca ter visto o Filho do Céu, e o carrasco teve de decapitá-lo. Negras cabeleiras e negras danças e complicadas máscaras de ouro viram, indiferentes, seus olhos; o real se confundia com o sonhado, ou, melhor dizendo, o real era uma das configurações do sonho. Parecia impossível que a terra fosse algo mais que jardins, águas, arquiteturas e formas de esplendor. A cada cem passos uma torre cortava o ar; para os olhos a cor era idêntica, mas a primeira de todas era amarela e a última escarlate, tão delicadas eram as gradações e tão longa a série.

Ao pé da penúltima torre foi que o poeta (que parecia alheio aos espetáculos que eram maravilha de todos) recitou a breve composição que hoje indissoluvelmente ligamos a seu nome e que, conforme repetem os historiadores mais elegantes, deparou-lhe a imortalidade e a morte. O texto se perdeu; há quem diga que constava de um verso; outros, de uma só palavra. O certo, o incrível, é que no poema estava inteiro e minucioso o palácio enorme, com cada ilustre porcelana e em cada desenho em cada porcelana e as penumbras e as luzes dos crepúsculos e cada instante desventuroso ou feliz das dinastias de mortais, de deuses e de dragões que habitaram nele desde o interminável passado. Todos se calaram, mas o imperador exclamou: — Arrebataste-me o palácio! e a espada de ferro do verdugo segou a vida do poeta.

Outros se referem de outro modo a história. No mundo não pode haver dois

iguais; bastou (dizem-nos) que o poeta pronunciara o poema para que o palácio desaparecesse, como que abolido e fulminado pela última sílaba. Tais lendas, é claro, não passam de ficções literárias. O poeta era escravo do Imperador e morreu como tal; sua composição caiu no esquecimento porque merecia o esquecimento e seus descendentes ainda procuram, e não vão encontrar, a palavra do universo.

## *Everything and nothing*

Ninguém existiu nele; por trás de seu rosto (que mesmo através das pinturas ruins da época não se assemelha a nenhum outro) e de suas palavras, que eram copiosas, fantásticas e agitadas, não havia senão um pouco de frio, um sonho não sonhado por alguém. No início pensou que todas as pessoas fossem como ele, mas a estranheza de um companheiro com o qual começara a comentar essa fatuidade revelou-lhe seu erro e fez com que sentisse, para sempre, que um indivíduo não deve diferir da espécie. Certa vez pensou que nos livros encontraria remédio para seu mal e então aprendeu o pouco latim e menos grego de que falaria um contemporâneo; depois considerou que no exercício de um rito elementar da humanidade bem poderia estar o que procurava, e deixou-se iniciar por Anne Hathaway, durante uma longa sesta de junho. Aos vinte e tantos anos foi a Londres. Instintivamente, adestrara-se no hábito de simular que era alguém, para que não se descobrisse sua condição de ninguém; em Londres encontrou a profissão para a qual estava predestinado, a de ator, que em um palco brinca de ser outro, diante da afluência de pessoas que brincam de tomá-lo por aquele outro. As tarefas histriônicas lhe ensinaram uma felicidade singular, talvez a primeira que conheceu; mas, aclamado o último verso e retirado da cena o último morto, o detestável sabor da irrealidade recaía sobre ele. Deixava de ser Ferrei ou Tamerlão e voltava a ser ninguém. Acuado, deu de imaginar outros heróis e outras fábulas trágicas.

Assim, enquanto o corpo cumpria seu destino de corpo, em bordéis e tabernas de Londres, a alma que o habitava era César, que ignora o aviso do áugure, e Julieta, que se aborrece com a cotovia, e Macbeth, que conversa na planície com as bruxas que também são as parcas. Ninguém foi tantos homens como aquele homem, que à semelhança do egípcio Proteu pôde esgotar todas as aparências do ser. Às vezes, deixou em algum canto da obra uma confissão, certo de que não a decifrariam; Ricardo afirma que em sua única pessoa faz o papel de muitos, e Iago diz com curiosas palavras “não sou o que sou”. A identidade fundamental do existir, sonhar e representar inspirou-lhe passagens famosas.

Durante vinte anos persistiu nessa alucinação dirigida, mas certa manhã o assaltaram o tédio e o horror de ser tantos reis que morrem pela espada e tantos amantes infelizes que convergem que convergem, divergem e melodiosamente agonizam. Naquele mesmo dia resolveu a venda do seu teatro. Antes de uma semana havia regressado à cidade natal, onde recuperou as arvores e o rio da infância e não os vínculos àqueles outros celebrados por sua musa, ilustre de

alusão mitológica e de vozes latinas. Tinha de ser alguém; foi um empresário aposentado que fez fortuna e a quem interessa os empréstimos, os litígios e a pequena usura. Nesse personagem ditou o árido testamento que conhecemos, do qual deliberadamente excluiu todo traço patético ou literário. Costumavam visitar seu retiro amigos de Londres, e ele retomava para eles o papel de poeta.

A história acrescenta que, antes ou depois de morrer, soube-se diante de Deus e disse: “Eu, que tantos homens fui em vão, quero ser um eu”. A voz de Deus lhe respondeu, em um torvelinho: “Eu tampouco o sou; sonhei o mundo como sonhaste tua obra, meu Shakespeare, e entre as formas de meu sonho está tu, que como eu és muitos e ninguém”.

## *Ragnarök*

Nos sonhos (escreve Coleridge) as imagens figuram as impressões que pensamos que causam; não sentimos horror porque uma esfinge nos oprime, sonhamos uma esfinge para explicar o horror que sentimos. Se isso é assim, como poderia uma mera crônica de suas formas transmitir o estupor, a exaltação, os alarmes, a ameaça e o júbilo que teceram o sonho dessa noite?

Ensaiarei esta crônica, no entanto; talvez o fato de que uma única cena tenha integrado aquele sonho apague ou atenue a dificuldade essencial.

O lugar era a Faculdade de Filosofia e Letras; a hora, o entardecer. Tudo (como costuma ocorrer nos sonhos) era um pouco diferente; uma ligeira magnificação alterava as coisas. Elegíamos autoridades; eu falava com Pedro Henríquez Ureña, que na vigília morreu há muitos anos. Bruscamente atordoou-nos um clamor de manifestação ou de charanga. Gritos humanos e animais chegavam do Bajo. Uma voz clamou: "Estão vindo!". E depois "Os Deuses! Os Deuses!". Quatro ou cinco sujeitos saíram da turba e ocuparam o estrado da Aula Magna. Todos nós aplaudimos, chorando; eram os Deuses que voltavam após um desterro de séculos. Engrandecidos pelo estrado, a cabeça jogada para trás e o peito para a frente, receberam com soberba nossa homenagem. Um deles segurava um galho, que se conformava, sem dúvida, à singela botânica dos sonhos; outro, com um gesto amplo, estendia a mão, que era uma garra; uma das faces de Jano olhava com receio o encurvado bico de Thot. Talvez excitado por nossos aplausos, outro, já não sei qual, prorrompeu em um cacarejo vitorioso, incrivelmente acre, com algo de gargarejo e de assovio. As coisas, desde aquele momento, mudaram.

Tudo começou com a suspeita (talvez exagerada) de que os Deuses não sabiam falar. Séculos de vida fugitiva e feral haviam atrofiado neles o humano; a lua do Islã e a cruz de Roma tinham sido implacáveis com esses prófugos.

Testas muito baixas, dentaduras amarelas, bigodes ralos de mulato ou de chinês e beiços bestiais revelavam a degeneração da estirpe olímpica. Sua indumentária não correspondia a uma pobreza decorosa e decente, e sim ao luxo malévolo das casas de jogo e dos bordéis do Bajo. Em uma lapela sangrava um cravo; em um paletó ajustado adivinhava-se o vulto de uma adaga. Bruscamente sentimos que jogavam sua ultima cartada, que eram matreiros, ignorantes e cruéis como velhos animais carnívoros e que, se nos deixássemos levar pelo medo ou pela pena, acabariam destruindo-nos.

Sacamos os pesados revólveres (de repente houve revólveres no sonho) e

alegremente demos morte aos Deuses.

## *Inferno*, I, 32

Do crepúsculo do dia ao crepúsculo da noite, um leopardo, nos anos finais do século XII, via umas tábuas de madeira, umas barras verticais de ferro, homens e mulheres cambiantes, um paredão e talvez um canalete de pedra com folhas secas. Não sabia, não podia saber, que ansiava por amor e crueldade e pelo ardente prazer de dilacerar e pelo vento com cheiro de veado, mas algo nele se sufocava e se rebelava e Deus lhe falou em um sonho: "Vives e morrerás nesta prisão, para que um homem que conheço te olhe um número determinado de vezes e não te esqueça e ponha tua figura e teu símbolo em um poema, que tem seu preciso lugar na trama do universo. Sofres o cativeiro, mas terás dado uma palavra ao poema". Deus, no sonho, iluminou a rudeza do animal e este compreendeu as razões e aceitou esse destino, mas só houve nele, ao despertar, uma obscura resignação, uma valorosa ignorância, porque a máquina do mundo é complexa demais para a simplicidade de uma fera.

Anos depois, Dante morria em Ravena, tão injustiçado e tão só como qualquer outro homem. Em um sonho, Deus lhe declarou o secreto propósito de sua vida e de seu labor; Dante, maravilhado, soube por fim quem era e o que era e abençoou suas amarguras. A tradição refere que, ao despertar, sentiu que tinha recebido e perdido uma coisa infinita, algo que não poderia recuperar nem mesmo vislumbrar, porque a máquina do mundo é complexa demais para a simplicidade dos homens.

# Borges e eu

Ao outro, a Borges, é que acontecem as coisas. Eu caminho por Buenos Aires e demoro-me, talvez já mecanicamente, na contemplação do arco de um saguão e da cancela; de Borges tenho notícias pelo correio e vejo o seu nome num trio de professores ou num dicionário biográfico. Agradam-me os relógios de areia, os mapas, a tipografia do século XVIII, as etimologias, o sabor do café e a prosa de Stevenson; o outro comunga dessas preferências, mas de um modo vaidoso que as converte em atributos de um ator. Seria exagerado afirmar que a nossa relação é hostil; eu vivo, eu deixo-me viver, para que Borges possa urdir a sua literatura, e essa literatura justifica-me. Não me custa confessar que conseguiu certas páginas válidas, mas essas páginas não me podem salvar, talvez porque o bom já não seja de alguém, nem sequer do outro, mas da linguagem ou da tradição. Quanto ao mais, estou destinado a perder-me definitivamente, e só algum instante de mim poderá sobreviver no outro. Pouco a pouco vou-lhe cedendo tudo, ainda que me conste o seu perverso hábito de falsificar e magnificar. Espinosa entendeu que todas as coisas querem perseverar no seu ser; a pedra eternamente quer ser pedra, e o tigre um tigre. Eu hei de ficar em Borges, não em mim (se é que sou alguém), mas reconheço-me menos nos seus livros do que em muitos outros ou no laborioso toque de uma viola. Há anos tratei de me livrar dele e passei das mitologias do arrabalde aos jogos com o tempo e com o infinito, mas esses jogos agora são de Borges e terei de imaginar outras coisas. Assim, a minha vida é uma fuga e tudo perco, tudo é do esquecimento ou do outro.

Não sei qual dos dois escreve esta página.

# Poema dos dons

Ninguém rebaixe a lágrima ou rejeite
Esta declaração da maestria
De Deus, que com magnífica ironia
Deu-me a um só tempo os livros e a noite.

Da cidade de livros tornou donos
Estes olhos sem luz, que só concedem
Em ler entre as bibliotecas dos sonhos
Insensatos parágrafos que cedem

As alvas a seu afã. Em vão o dia
Prodiga-lhes seus livros infinitos,
Árduos como os árduos manuscritos
Que pereceram em Alexandria.

De fome e de sede (narra uma história grega)
Morre um rei entre fontes e jardins;
Eu fatigo sem rumo os confins
Dessa alta e funda biblioteca cega.

Enciclopédias, atlas, o Oriente
E o Ocidente, centúrias, dinastias,
Símbolos, cosmos e cosmogonias
Brindam as paredes, mas inutilmente.

Em minha sombra, o oco breu com desvelo
Investigo, o báculo indeciso,
Eu, que me figurava o Paraíso
Tendo uma biblioteca por modelo.

Algo, que por certo não se vislumbra
No termo *acaso*, rege estas coisas;
Outro já recebeu em outras nebulosas
Tardes os muitos livros e a penumbra.

Ao errar pelas lentas galerias

Sinto às vezes com vago horror sagrado
Que sou o outro, o morto, habituado
Aos mesmos passos e nos mesmos dias.

Qual de nós dois escreve este poema
De uma só sombra e de um eu plural?
O nome que me assina é essencial,
Se é indiviso e uno esse anátema?

Groussac ou Borges, olho este querido
Mundo que se deforma e que se apaga
Numa empalidecida cinza vaga
Que se parece ao sonho e ao olvido.

# O relógio de areia

Está certo que se meça com a dura
Sombra que uma coluna no estio
Estende ou com a água daquele rio
Em que Heráclito viu nossa loucura

O tempo, já que ao tempo e à sorte
Se parecem os dois: a imponderável
Sombra diurna e o curso irrevogável
Da água que prossegue em seu norte.

Está certo, mas o tempo nos desertos
Outra substância achou, suave e pesada,
Que parece ter sido imaginada
Para medir o tempo dos mortos.

Surge assim o alegórico instrumento
Das gravuras dos dicionários,
A peça que os grises antiquários
Relegarão a esse mundo cinzento

do bispo sem seu par, da espada
inerme, do apagado telescópio,
do sândalo mordido pelo ópio,
do próprio pó, do acaso e do nada.

Quem não se demorou perante o ríspido
E tétrico instrumento que acompanha
Na destra mão do deus uma gadanha,
Com o risco por Dürer repetido?

Pelo ápice aberto o cone inverso
Deixa cair a cautelosa areia,
Ouro gradual que se solta e recheia
O côncavo cristal, seu universo.

É agradável observar a arcana

Areia que desliza e que declina
E, prestes a cair, se recombina
Com uma pressa inteiramente humana.

A areia dos ciclos é imutável,
A história da areia é infinita;
E, sob tuas venturas ou a desdita,
Se abisma a eternidade invulnerável.

Não se detém jamais essa caída.
Eu me dessangro, não o vidro. O rito
De decantar a areia é infinito
E com a areia vai-se nossa vida.

Nos minutos da areia o tempo cósmico
Acredito sentir: aquela história
Que guarda em seus espelhos a memória
Ou a que dissolveu o Letes mágico.

O pilar de fumaça e o que fumega,
Cartago e Roma e a perigosa guerra,
Simão, o Mago, os sete pés de terra
Que o rei saxão oferta ao da Noruega,

A tudo arrasta e perde este infalível
Fio sutil de areia numerosa.
Não vou salvar-me eu, fortuita coisa
De tempo, que é matéria perecível.

# Xadrez

**I**
Em seu austero canto, os jogadores
Regem as lentas peças. O tabuleiro
Os demora até o alvorecer nesse severo
Espaço em que se odeiam duas cores.

Lá dentro irradiam mágicos rigores
As formas: torre homérica, ligeiro
Cavalo, armada rainha, rei postreiro,
Oblíquo bispo e peões agressores.

Quando os jogadores tiverem ido,
Quando o tempo os tiver consumido,
Certamente não terá cessado o rito.

No Oriente acendeu-se esta guerra
Cujo anfiteatro é hoje toda a terra.
Como o outro, este jogo é infinito.

**II**
Tênue rei, oblíquo bispo, encarniçada
Rainha, peão ladino e torre a prumo
Sobre o preto e o branco de seu rumo
Procuram e travam sua batalha armada.

Não sabem que a mão assinalada
Do jogador governa seu destino,
Não sabem que um rigor adamantino
Sujeita seu arbítrio e sua jornada.

Também o jogador é prisioneiro
(A máxima é de Ornar) de um tabuleiro
De negras noites e de brancos dias.

Deus move o jogador, e este, a peça.
Que deus detrás de Deus o ardil começa

De pó e tempo e sonho e agonias?

# Os espelhos

Eu que senti o horror dos espelhos
Não só perante o vidro impenetrável
Onde acaba e começa, inabitável,
Um impossível espaço de reflexos

Mas ante a água especular que imita
O outro azul em seu profundo céu
Que sulca o ilusório voo, ao léu,
Da ave inversa ou que um tremor agita

E ante a superfície silenciosa
Do ébano sutil cujo fulgor
Repete como um sonho o alvor
De um vago mármore ou uma vaga rosa,

Hoje, ao fim de tantos e perplexos
Anos errando sob a vária lua,
Pergunto-me que acaso da fortuna
Fez com que eu temesse os espelhos.

Espelhos de metal, emascarado
Espelho de caoba que na bruma
De seu rubro crepúsculo esfuma
Esse rosto que olha e é olhado,

Infinitos os vejo, elementais
Executores de um antigo pacto,
Multiplicar o mundo como o ato
Generativo, insones e fatais.

Prolongam este inútil mundo torto
Na vertigem de seus emaranhados;
São às vezes de tarde embaçados
Pelo alento de alguém que não está morto.

O vidro nos espreita. Se entre as quatro

Paredes do quarto existe um espelho,
Já não estou sozinho. Há outro. Há o reflexo
Que arma na aurora um sigiloso teatro.

Tudo acontece e na memória é perda
Dentro dos gabinetes cristalinos
Onde, como fantásticos rabinos,
Lemos livros da direita à esquerda.

Cláudio, rei de uma tarde, rei sonhado,
Não sentiu que era um sonho até o dia
Em que um ator mimou sua felonia
Com arte silenciosa, em um tablado.

Que haja sonhos é estranho, que haja espelhos,
Que o usual e gasto repertório
De cada dia inclua o ilusório
Orbe profundo que urdem os reflexos.

O empenho de Deus (eu penso) assombra,
Com essa inapreensível arquitetura
Que edifica a luz com a brunidura
Do cristal e, com o sonho, a sombra.

Deus inventou as noites que se armam
De sonhos e as formas do espelho
Para que o homem sinta que é reflexo
E vaidade. Por isso nos alarmam.

# Elvira de Alvear

Todas as coisas teve e lentamente
Todas a abandonaram. Nós a vimos
Armada de beleza. A manhã
E o claro meio-dia lhe mostraram,
Desde seu zênite, os formosos reinos
Dessa terra. A tarde os foi apagando.
Os favoráveis astros (a infinita
E ubíqua rede causal) lhe haviam dado
A fortuna, que dissipa as distâncias
Como o tapete do árabe e confunde
O desejo, a posse e o dom do verso,
Que transforma as penas verdadeiras
Em música, em rumor e em símbolo,
E o fervor, e no sangue a batalha
De Ituzaingó e o peso dos louros,
E o prazer de perder-se no errante
Rio do tempo (rio e labirinto)
E no lento colorido das tardes.

Todas as coisas a deixaram, menos
Uma. A generosa cortesia
Acompanhou-a até o fim da jornada,
Para além do delírio e do eclipse,
De modo quase angelical. De Elvira
O que primeiro vi, há tantos anos,
Foi o sorriso, e o que vejo por último.

## Susana Soca

Com lento amor fitava os dispersos
Coloridos da tarde. E se perdia
Com gosto na complexa melodia
Ou na curiosa existência dos versos.
Não o elementar vermelho mas
Os grises Fiaram seu destino delicado,
Apto a discernir e exercitado
Tanto na oscilação como em matizes.
Sem atrever-se a pisar este perplexo
Labirinto, observava, sorrateira,
As formas, o tumulto e a carreira,
Como aquela outra dama do espelho.
Deuses que moram para além do rogo
A abandonaram a esse tigre, o Fogo.

# A lua

Conta a história que naquele passado
Tempo em que ocorreram tantos fatos
Reais, imaginários e inexatos
Um homem concebeu o desmesurado

Projeto de cifrar o universo
Em um livro e com ímpeto infinito
Erigiu o alto e árduo manuscrito
E limou e declamou o último verso.

Já ia render graças à fortuna
Quando ao elevar os olhos viu um polido
Disco no ar e entendeu, aturdido,
Que se havia esquecido da lua.

A história que narrei, mesmo fingida,
Bem pode figurar o malefício
De todos que exercemos o ofício
De mudar em palavras nossa vida.

Sempre se perde o essencial.
É uma Lei de toda palavra sobre o nume.
Não a elude este enredo que resume
O meu longo comércio com a lua.

Não sei onde a avistei a vez primeira,
Se foi no céu anterior da doutrina
Do grego ou se na tarde que declina
Sobre o pátio do poço e da figueira.

Como se sabe, esta inconstante vida
Pode bem ser, entre outras coisas, bela,
E houve assim uma tarde em que com ela
Te contemplamos, oh, lua compartida.

Mais que as luas das noites eu acedo

Em recordar as do verso: a enfeitiçada
*Dragon moon* que dá horror à balada
E a lua sangrenta de Quevedo.

De outra lua de sangue e de escarlata
Falou João em seu livro de ferozes
Prodígios e de júbilos atrozes;
Outras mais claras luas há de prata.

Pitágoras com sangue (narra uma
Tradição) escrevia num espelho
E os homens então liam o reflexo
Naquele outro espelho que é a lua.

De ferro há uma selva onde mora
O alto lobo cuja estranha sorte
É derrubar a lua e dar-lhe morte
Quando avermelhe o mar a última aurora.

(Isto o Norte profético já sabe
E também que nesse dia os profundos
Mares do mundo destruirão a nave
Que se faz com as unhas dos defuntos.)

Quando, em Genebra ou Zürich, a fortuna
Quis que eu também fosse poeta,
Eu me impus, como todos, a secreta
Obrigação de definir a lua.

Com uma espécie de pena que tenteia,
Esgotava modestas variantes,
Temeroso de que Lugones antes
Já houvesse usado o âmbar ou a areia.

De longínquo marfim, fumaça, fria
Neve foram as luas que alumbraram
Versos que certamente não alcançaram
A árdua honra da tipografia.

Pensava que o poeta é aquele homem

Que, como o rubro Adão do Paraíso,
Impõe a cada coisa seu preciso
E verdadeiro e não sabido nome.

Ariosto me ensinou que a duvidosa
Lua abriga os sonhos, o inapreensível,
O tempo que se perde, o possível
Ou o impossível, que é a mesma coisa.

De Diana triforme Apolodoro
Deixou-me divisar a sombra mágica;
Hugo deu-me uma foice que era de ouro,
E um irlandês, sua negra lua trágica.

E, enquanto eu sondava aquela mina
Das luas todas da mitologia,
Ali estava, na virada da esquina,
A lua celestial de cada dia.

Sei que entre todas as palavras uma
Há para lembrá-la ou figurá-la.
O segredo, a meu ver, está em usá-la
Com humildade. É a palavra *lua*.

Eu não me atrevo a macular sua pura
Aparição com uma imagem ufana;
Vejo-a indecifrável e cotidiana
E para além de minha literatura.

Eu sei que a lua ou a palavra *lua*
É uma letra inventada para
A complexa escritura dessa rara
Coisa que somos, numerosa e una.

É um dos vários símbolos que ao homem
Dá o fado ou o acaso para um dia
De exaltação gloriosa ou de agonia
Este escrever seu verdadeiro nome.

# A chuva

A tarde se aclarou de inesperado
Porque já cai a chuva minuciosa.
Cai ou caiu. A chuva é uma coisa
Que sem dúvida ocorre no passado.

Esta chuva que agora ofusca os vidros
Vai alegrar em subúrbios perdidos
As pretas uvas de uma parra no horto

Que deixou de existir. Esta molhada
Tarde me traz a voz, a voz ansiada,
De meu pai que retorna e não está morto.

# À efígie de um capitão dos exércitos de Cromwell

Não renderão de Marte as muralhas
A este, que salmos do Senhor inspiram;
De outra luz (de outro século) miram
Os olhos, que miraram as batalhas.
A mão segura os ferros da espada.
Pela verde região caminha a guerra;
Para lá da penumbra está a Inglaterra,
E o cavalo e a glória e tua jornada.
Capitão, os anseios são enganos,
Inútil o arnês e inútil a porfia
Do homem cujo termo é um dia;
Tudo já teve fim há muitos anos.
Há de ferir-te um ferro enferrujado;
Estás (como estamos) condenado.

# A um velho poeta

O Caminhas pelo campo de Castela
E quase não o vês. Um intrincado
Versículo de João é teu cuidado
E mal notaste a luz amarela

Do poente. A difusa luz delira
E nos confins do Leste se dilata
Essa lua de escárnio e de escarlata
Que talvez seja o espelho da Ira.

O olhar elevas e a contemplas.
Uma Memória de algo que foi teu começa
E se dissipa. A pálida cabeça

Curvas e segues caminhando triste,
Sem recordar o verso que escreveste:
*E seu epitáfio a sangrenta lua.*

# O outro tigre

*And the craft that created a semblance*
MORRIS: *Sigurd the Volsung*, 1876.

Penso em um tigre. A penumbra exalta
A vasta Biblioteca laboriosa
E parece afastar suas estantes;
Forte, inocente, ensanguentado e novo,
Ele irá por sua selva e sua manhã
E deixará seu rastro na lodosa
Margem de um rio cujo nome ignora
(Em seu mundo não há nomes nem passado,
E não há futuro, só um instante certo.)
E vencerá as bárbaras distâncias,
Farejará no enleado labirinto
Dos olores o olor da alvorada
E o olor deleitável do veado;
Entre as riscas do bambu decifro
Suas riscas e pressinto a ossatura
Sob essa pele esplêndida que vibra.
Inutilmente interpõem-se os convexos
Mares e os desertos do planeta;
Desta morada de um remoto porto
Da América do Sul, te sigo e sonho,
Oh, tigre das ribeiras do rio Ganges.

Corre a tarde em minha alma e pondero
Que o tigre vocativo de meu verso
É um tigre de símbolos e sombras,
Uma série de tropos literários
E de memórias da enciclopédia,
Não o tigre fatal, joia nefasta
Que, sob o sol ou a diversa lua,
Vai cumprindo em Sumatra ou em Bengala
Sua rotina de amor, de ócio e de morte.
A esse tigre dos símbolos opus
O verdadeiro, o de sangue quente,

O que dizima uma tribo de búfalos
E hoje, 3 de agosto de 59,
Estende sobre o prado uma pausada
Sombra, mas só o fato de nomeá-lo
E de conjeturar sua circunstância
Torna-o ficção da arte e não criatura
Animada das que andam pela terra.

Procuraremos um terceiro tigre.
Como os outros, este será uma forma
De meu sonho, um sistema de palavras
Humanas, não o tigre vertebrado
Que, para além dessas mitologias,
Pisa a terra. Sei disso, mas algo
Me impõe esta aventura indefinida,
Insensata e antiga, e persevero
Em procurar pelo tempo da tarde
O outro tigre, o que não está no verso.

## *Blind Pew*

Longe do mar e da formosa guerra,
Que assim o amor todo o perdido louva,
O bucaneiro cego fatigava
Os terrosos caminhos da Inglaterra.

Escorraçado pelos cães das granjas,
Caçoada dos meninos do povoado,
Dormia um enfermiço e gretado
Sono no enegrecido pó das sanjas.

Sabia que em remotas praias de ouro
Era seu um recôndito tesouro
E isso serenava sua adversa sorte;

A ti também, em outras praias de ouro,
Te aguarda incorruptível teu tesouro:
A vasta e vaga e necessária morte.

## Alusão a uma sombra de mil oitocentos e noventa e tantos

Nada. Apenas a faca de Muraña.
Na tarde cinza só o caso truncado.
Não sei por que nas tardes me acompanha
Este assassino jamais avistado.
Palermo era mais baixo. A muralha
Amarela da prisão dominava
Subúrbio e lamaçal. Por essa brava
Região andou a sórdida navalha.
A navalha. O rosto se apagou
E desse mercenário cujo crasso
Ofício era a coragem não restou
Mais que uma sombra e um fulgor de aço.
Que o tempo, que os mármores empana,
Salve este firme nome, Juan Murava.

## Alusão à morte do coronel Francisco Borges (1833-1874)

Deixo-o no cavalo, nessa hora
Crepuscular em que buscou a morte;
Que de todas as horas de sua sorte
Esta perdure, amarga e vencedora.
Avança pelo campo a brancura
Do cavalo e do poncho. A paciente
Morte espreita nos rifles. Tristemente,
Francisco Borges vai pela planura.
Isto que o cercava, a metralha,
Isto que vê, o pampa sem medida,
É o que viu e ouviu por toda a vida.
Está no cotidiano, na batalha.
Alto o deixo em seu épico universo
E quase intocado pelo verso.

## *In Memoriam A. R.*

O vago acaso ou as precisas leis
Que regem este sonho, o universo,
Permitiram-me compartir um terso
Trecho do curso com Alfonso Reyes.

Soube bem essa arte que nenhum
Outro abarcou, nem Simbad nem
Ulisses, Que é passar de um a outros países
E estar inteiramente em cada um.

Se a memória lhe cravou sua flecha
Alguma vez, lavrou com o violento
Metal da arma o numeroso e lento
Alexandrino ou a aflita endecha.

Nos trabalhos o assistiu a humana
Esperança e foi lume de sua vida
Dar com o verso que não mais se olvida
E renovar a prosa castelhana.

Além do Mio Cid de passo tardo
E dessa grei que quer ser obscura,
Rastreava a fugaz literatura
Até os arrabaldes do lunfardo.

Entre os jardins, os cinco, de Marini
Demorou-se, mas algo nele havia
Imortal e essencial que preferia
O árduo estudo e o dever divino.

A bem dizer, preferiu os jardins
Para a meditação, onde Porfírio
Erigiu ante as sombras e o delírio
A Arvore do Princípio e dos Fins.

Reyes, a indecifrável providência

Que administra o pródigo e o parco
Deu-nos, a alguns, o setor ou o arco,
Mas a ti a total circunferência.

O ditoso buscavas ou o triste
Que ocultam frontispícios e renomes;
Como o Deus de Erígena, preferiste
Ser ninguém para ser todos os homens.

Vastos e delicados esplendores
Teu estilo alcançou, precisa rosa,
E às guerras de Deus tornou gozosa
A veia militar de antecessores.

Onde anda o mexicano? (É minha questão.)
Contemplará, com o horror de Édipo
Ante a estranha Esfinge, o Arquétipo
Impassível do Rosto ou da Mão?

Ou errará, como Swedenborg queria,
Por um orbe mais vívido e complexo
Que o terreno, que é apenas reflexo
Daquela alta e celeste algaravia?

Se (como esses impérios da laca
E do ébano ensinam) a memória
Lavra seu íntimo Éden, já há na glória
Outro México e outro Cuernavaca.

Conhece Deus as cores que a sorte
Propõe ao homem para além do dia;
Por estas ruas ando. Todavia
Sei muito pouco a respeito da morte.

Só uma coisa sei. Que Alfonso Reyes
(Onde quer que o mar o tenha lançado)
Vai se aplicar feliz e desvelado
Ao outro enigma e às outras leis.

Ao ímpar tributemos, ao diverso

O clamor e os aplausos da vitória;
Não profane minha lágrima este verso
Que nosso amor inscreve em sua memória.

# Os Borges

Bem pouco sei de meus antecessores
Portugueses, os Borges: vaga gente
Que prossegue em minha carne, obscuramente,
Seus hábitos, rigores e temores.
Tênues como se nunca houvessem sido
E alheios aos trâmites da arte,
Indecifravelmente fazem parte
Do tempo, dessa terra e do olvido.
Melhor assim. Vencida a peleis,
São Portugal, são a famosa gente
Que forçou as muralhas do Oriente
E fez-se ao mar e ao outro mar de areia.
São o rei que no místico deserto
Perdeu-se e o que jura não estar morto.

# A Luís de Camões

Sem pena e sem ira o tempo vela
As heroicas espadas. Pobre e triste
A tua pátria saudosa preferiste
Retornar, capitão, morrendo nela,
E com ela. No mágico deserto
A flor de Portugal se havia perdido
E o áspero espanhol, antes vencido,
Ameaçava o seu flanco aberto.
Quero saber se aquém dessa ribeira
Extrema compreendeste humildemente
Que todo o perdido, o Ocidente
E o Oriente, o aço e a bandeira,
Perduraria (alheio a toda humana
Mutação) em tua Eneida lusitana.

# Mil novecentos e vinte e tantos

A roda dos astros não é infinita
E o tigre é uma das formas que retornam,
Mas nós, longe do acaso e da aventura,
Nos víamos desterrados para um tempo exausto,
O tempo no qual nada pode ocorrer.
O universo, o trágico universo, não estava aqui
E era preciso procurá-lo nos ontens;
Eu tramava a humilde mitologia de taipas e de facas
E Ricardo pensava em seus vaqueiros.
Não sabíamos que o futuro encerrava o raio,
Não pressentimos a afronta, o incêndio e a noite terrível da Aliança;
Nada nos disse que a história argentina sairia andando pelas ruas,
A história, a indignação, o amor,
As multidões feito o mar, o nome de Córdoba,
O sabor do real e do inacreditável, o horror e a glória.

# Ode composta em 1960

O claro acaso ou as secretas leis
Que regem este sonho, meu destino,
Querem, oh, necessária e doce pátria
Que não sem glória e sem opróbrio abarcas
Cento e cinquenta laboriosos anos,
Que a gota, eu, fale contigo, o rio,
Que o instante, eu, fale contigo, o tempo,
E que o íntimo diálogo recorra,
Como é costume, aos ritos e à sombra
Que amam os deuses e ao pudor do verso.

Pátria, eu te senti nos devastados
Poentes dos vastos arrabaldes
E nessa flor de cardo que o pampeiro
Traz para o pátio e na serena chuva,
Nos costumes vagarosos dos astros
E na mão que afina uma guitarra
E na gravitação dessa planície
Que desde longe nosso sangue sente,
Como o bretão o mar, e em piedosos
Símbolos e jarrões de uma abóbada
E no amor submisso dos jasmins,
Na prata da moldura e no roçar
Suave de um mogno silencioso
E em sabores de carnes e de frutas
E na bandeira quase azul e branca
De um quartel e em pálidas histórias
De faca e de esquina e nas tardes
Tão iguais que se apagam e nos deixam
E na vaga memória afortunada
De pátios com escravos que levavam
O nome dos senhores e nas pobres
Folhas daqueles livros para cegos
Que o fogo dispersou e no cair
Dessas épicas chuvas de setembro
Que ninguém esquecerá, mas essas coisas

São apenas teus modos e teus símbolos.
És mais que teu extenso território
E que os dias de teu extenso tempo,
És mais que essa soma inconcebível
De tuas gerações. Nós não sabemos
Como és para Deus em meio ao vivo
Interior dos arquétipos eternos,
Porém por esse rosto vislumbrado
Vivemos e morremos e ansiamos,
Oh, inseparável e misteriosa pátria.

## Ariosto e os árabes

Ninguém pode escrever um livro. Para
Que um livro seja verdadeiramente,
Se requerem a aurora e o poente,
Séculos, armas e o mar que une e separa.

Assim pensou Ariosto, que ao pausado
Deleite deu-se, no ócio de caminhos
De claros mármores e de negros pinhos,
De voltar a sonhar o já sonhado.

O ar de sua Itália era opulento
De sonhos, que com as formas da guerra
Que em duros séculos cansou a terra
Urdiram a memória e o esquecimento.

Uma legião que se perdeu nos vales
Da Aquitânia caiu numa emboscada;
Assim nasceu o sonho de uma espada
E do corno que clama em Roncesvalles.

Seus ídolos e exércitos o rude
Saxão por sobre os hortos da Inglaterra
Dispersou em severa e torpe guerra
E um sonho — Artur — é o que restou de tudo.

Das ilhas boreais onde um cego
Sol desvanece o mar, nos veio o sonho
Da virgem adormecida que seu dono
Aguarda, atrás de um círculo de fogo.

Quem sabe se da Pérsia ou do Parnaso
Veio o outro sonho do corcel alado
Que pelo ar o feiticeiro armado
Urge e que afunda no deserto ocaso.

Como sobre o corcel do feiticeiro,

Ariosto viu os reinos de uma terra
Sulcada pelos festejos da guerra
E do jovem amor aventureiro.

Como através de tênue bruma de ouro,
Viu no mundo um jardim que seus confins
Expande em outros íntimos jardins
Para o amor de Angélica e Medoro.

Como esses ilusórios esplendores
Que no Industão deixa entrever o ópio,
Pelo Furioso passam os amores
Numa desordem de caleidoscópio.

Não ignorou o amor nem a ironia
E assim sonhou, de pudoroso modo,
O singular castelo que é ele todo
(Como de resto a vida) uma falsia.

Como a todo poeta, a fortuna
Ou o destino deu-lhe sorte rara;
Ia pelos caminhos de Ferrara
E ao mesmo tempo andava pela lua.

Com a escória dos sonhos, indistinto
Limo que o Nilo dos sonhos deixa,
Com eles foi tecida a madeixa
Desse resplandecente labirinto,

Desse enorme diamante no qual um homem
Pode perder-se venturosamente
Por espaços de música indolente,
Para além de sua carne e de seu nome.

A Europa inteira se perdeu. Por obra
Daquela ingênua e maliciosa arte,
Milton pôde chorar de Brandimarte
O fim e de Dalinda a soçobra.

Perdeu-se a Europa, mas outros condões

Deu o vasto sonho à famosa gente
Que habita os desertos do Oriente
E a noite repleta de leões.

De um rei que entrega, ao despontar o dia,
Sua rainha de uma noite à implacável
Cimitarra, nos conta o deleitável
Livro que o tempo encanta todavia.

Asas que são a brusca noite, cruéis
Garras que têm suspenso um elefante,
Magnéticas montanhas cujo amante
Abraço faz destroços dos baixéis,

A terra sustentada por um touro
E o touro por um peixe; abracadabras,
Talismãs e místicas palavras
Que no granito abrem grutas de ouro;

Isso sonhou a sarracena gente
Que segue as bandeiras de Agramante;
Isso, que vagos rostos com turbante
Sonharam, apossou-se do Ocidente.

E o *Orlando* é agora uma risonha
Região que estende inabitadas milhas
De indolentes e ociosas maravilhas
Que são um sonho que ninguém mais sonha.

Por islâmicas artes reduzido
A pura erudição, a mera história,
Está só, se sonhando. (Toda glória
É somente uma das formas do olvido.)

Pelo vidro já pálido a tremente
Luz de uma tarde mais roça o volume
E ardem e se consomem, é o costume,
Os outros sobre a capa esvanecente.

Nessa deserta sala o silencioso

Livro viaja pelo tempo. Auroras
Ficam para trás e as noturnas horas
E minha vida, um sonho pressuroso.

# Ao iniciar o estudo da gramática anglo-saxônica

No final de cinquenta gerações
(Tais abismos a todos nós depara o tempo)
Volto, na margem ulterior de um grande rio
Que não alcançaram os dragões do viking,
Às ásperas e laboriosas palavras
Que, com uma boca tornada pó,
Usei nos dias de Nortúmbria e de Mércia,
Antes de ser Haslam ou Borges.
No sábado líamos que Júlio César
Foi o primeiro a vir de Romeburg para desvelar a Bretanha;
Antes que voltem os racimos eu terei ouvido
A voz do rouxinol do enigma
E a elegia dos doze guerreiros
Que cercam o túmulo de seu rei.
Símbolos de outros símbolos, variantes
Do futuro inglês ou alemão me parecem estas palavras
Que algum dia foram imagens
E que um homem usou para celebrar o mar ou uma espada;
Amanhã voltarei a viver,
Amanhã *fyr* não será *fire* e sim essa sorte
De deus domesticado e cambiante
Que a ninguém está dado olhar sem um antigo assombro.

Louvada seja a infinita
Urdidura dos efeitos e das causas
Que antes de mostrar-me o espelho
Em que não verei ninguém ou verei outro
Concede-me essa pura contemplação
De uma linguagem da alvorada.

# Lucas XXIII

Gentio ou hebreu ou simplesmente um homem
Cujo rosto no tempo está perdido;
Já não resgataremos do olvido
As silenciosas letras de seu nome.

Da clemência ele soube o que consegue
Saber um malfeitor que no lenho
Crava a Judeia. Do tempo que antecede
Nada sabemos hoje. Em seu empenho

Último de morrer crucificado,
Ouviu, por entre os escárnios da gente,
Que o que estava morrendo a seu lado
Era Deus, e lhe disse cegamente:

"Lembra-te de mim quando vieres
A teu reino", e a voz inconcebível
Que um dia julgará todos os seres
Lhe prometeu de sua Cruz terrível

O Paraíso. Nada mais disseram
Até que veio o fim, mas a história
Não deixará que morra a memória
Daquela tarde em que os dois morreram.
Oh, amigos, a inocência deste amigo

De Jesus Cristo, o candor improviso
Que o fez pedir e ter o Paraíso
A partir dos opróbrios do castigo,

Era o que tantas vezes ao pecado
Lançou-o e ao acaso ensanguentado.

# Adrogué

Ninguém na noite indecifrável tema
Que eu me perca entre as negras flores
Desse parque, onde tecem seu sistema
Propício aos nostálgicos amores

Ou ao ócio das tardes o secreto
Pássaro que um só mesmo canto afina,
A água circular e o coreto,
A vaga estátua e a duvidosa ruína.

Oca na sombra oca, a cocheira
Marca (sei disso) os trêmulos confins
Deste mundo de pó e de jasmins,
Grato a Verlaine e grato a Julio Herrera.

Concedem à sombra os eucaliptos
Seu olor medicinal: essa fragrância antiga
Que, para além do tempo e da ambígua
Linguagem, nomeia o tempo dos sítios.

Meu passo busca e encontra o esperado
Umbral. Recorta o terraço sua beira
Escura e no pátio axadrezado
Goteja periódica a torneira.

Repousam do outro lado das portas
Aqueles que em virtude de seus sonhos
São entre a sombra visionária donos
Do vasto ontem e das coisas mortas.

Cada objeto conheço deste velho
Edifício: as lâminas de mica
Sobre uma pedra gris que se duplica
Continuamente no difuso espelho

E essa cabeça de leão que morde

Uma argola e os vidros com suas cores
Que revelam ao menino os primores
De um mundo rubro e de outro mundo verde.

Para além do acaso e da morte
Sobrevivem, e cada qual tem sua história,
Mas tudo isso ocorre nessa sorte
De quarta dimensão, que é a memória.

Nela e só nela permanecem agora
Os pátios e jardins. E o passado
Os guarda neste círculo vedado
Que abarca a um tempo só Vésper e aurora.

Como pude perder esse preciso
Arranjo de coisas simples e amorosas,
Inacessíveis hoje como as rosas
Que ao primeiro Adão deu o Paraíso?

O antigo estupor de uma elegia
Ao pensar nessa casa me transpassa,
E não entendo como o tempo passa,
Eu, que sou tempo e sangue e agonia.

# Arte poética

Fitar o rio feito de tempo e água
E recordar que o tempo é outro rio,
Saber que nos perdemos como o rio
E que os rostos passam como a água.

Sentir que a vigília é outro sonho
Que sonha não sonhar e que a morte
Que teme nossa carne é essa morte
De cada noite, que se chama sonho.

No dia ou no ano ver um símbolo
Dos dias de um homem e de seus anos,
Transformar o ultraje desses anos
Em música, em rumor e em símbolo,

Na morte ver o sonho, ver no ocaso
Um triste ouro, tal é a poesia,
Que é imortal e pobre. A poesia
Retorna como a aurora e o ocaso.

Às vezes pelas tardes certo rosto
Contempla-nos do fundo de um espelho;
A arte deve ser como esse espelho
Que nos revela nosso próprio rosto.

Contam que Ulisses, farto de prodígios,
Chorou de amor ao divisar sua Ítaca
Verde e humilde. A arte é essa Ítaca
De verde eternidade, sem prodígios.

Também é como o rio interminável
Que passa e fica e é cristal de um mesmo
Heráclito inconstante, que é o mesmo
E é outro, como o rio interminável.

# Museu

## Do rigor na ciência

...Naquele Império, a Arte da Cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa de uma única Província ocupava toda uma Cidade, e o mapa do império, toda uma Província. Com o tempo, esses Mapas Desmesurados não foram satisfatórios e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império, que tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele. Menos Afeitas ao Estudo da Cartografia, as Gerações Seguintes entenderam que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem Impiedade o entregaram às Inclemências do Sol e dos Invernos. Nos desertos do Oeste perduram despedaçadas Ruínas do Mapa, habitadas por Animais e por Mendigos; em todo o País não há outra relíquia das Disciplinas Geográficas.

(Suárez Miranda: *Viajes de varones Prudentes*, livro quarto, cap. XIV, Lérida,1658.)

## Quadra

Morreram outros, mas isso aconteceu no passado, Que é a estação (ninguém o ignora) mais propícia à morte.

É possível que eu, súdito de Yacub Almansur, Morra como tiveram de morrer as rosas e Aristóteles?

(De *Divã de Almotasim El Magrebi*, século XII)

## Limites

Há uma linha de Verlaine que não voltarei a lembrar,
Há uma rua próxima proibida a meus passos,
Há um espelho que me fitou pela última vez,
Há uma porta que fechei até o fim do mundo,
Entre os livros de minha biblioteca (posso vê-los agora)
Há um que não mais abrirei.
Neste verão farei cinquenta anos;

A morte me desgasta; incessante.

(De *Inscripciones (*Montevidéu, 1923)
de Julio Platero Haedo

## O poeta declara seu renome

O círculo do céu mede minha glória,
As bibliotecas do Oriente disputam os meus versos,
Os emires me procuram para encher-me de ouro a boca,
Os anjos já sabem de memória meu último *zéjel*.
Meus instrumentos de trabalho são a humilhação e a angústia;
Quem dera eu tivesse nascido morto.

(De *Divã de Abulcásim EI Hadrami*, século XII)

## O inimigo generoso

*Magnus Barfod, no ano 1102, empreendeu a conquista geral dos reinos da Irlanda; diz-se que na véspera de sua morte recebeu esta saudação de Muirchertach, rei em Dublin:*

Que em teus exércitos militem o ouro e a tempestade, Magnus Barfod.
Que amanhã, nos campos de meu reino, seja feliz tua batalha.
Que tuas mãos de rei teçam terríveis a teia da espada.
Que sejam alimento do cisne rubro os que se opõem a tua espada.
Que te saciem de glória teus muitos deuses, que te saciem de sangue.
Que sejas vitorioso na aurora, rei que pisas a Irlanda.
Que de teus muitos dias nenhum brilhe como o dia de amanhã.
Porque esse dia será o último. Juro-te, rei Magnus.
Porque, antes que se apague sua luz, eu te vencerei e te apagarei, Magnus Barfod.

(De *Anhang zur Heimskringla,* de H. Gering, 1893.)

## *Le regret d'Heraclite*

Eu, que tantos homens fui, jamais fui
Aquele em cujo abraço desfalecia Matilde Urbach.

(Gaspar Camerarius, em *Deliciae Poetarum Borussiae*, VII, 16.)

## *In Memoriam J. F. K.*

Esta bala é antiga.

Em 1897 disparou-a contra o presidente do Uruguai um rapaz de Montevidéu, Arredondo, que passara longo tempo sem ver ninguém, para que o soubessem sem cúmplices. Trinta anos antes, o mesmo projétil matou Lincoln, por obra criminosa ou mágica de um ator, que as palavras de Shakespeare tinham transformado em Marco Bruto, assassino de César. Em meados do século XVII, a vingança a usou para dar morte a Gustavo Adolfo da Suécia, em meio à pública hecatombe de uma batalha.

Antes, a bala foi outras coisas, porque a transmigração pitagórica não é própria apenas dos homens. Foi o cordão de seda que no Oriente recebem os vizires, foi a fuzilaria e as baionetas que destroçaram os defensores do Álamo, foi a lâmina triangular que segou o pescoço de uma rainha, foi os obscuros cravos que atravessaram a carne do Redentor e o lenho da Cruz, foi o veneno que o chefe cartaginês guardava em um anel de ferro, foi a serena taça que em um entardecer Sócrates bebeu.

No alvorecer do tempo foi a pedra que Caim atirou em Abel e será muitas coisas que hoje sequer imaginamos e que poderão dar fim aos homens e a seu prodigioso e frágil destino.

# Epílogo

Queira Deus que a monotonia essencial desta miscelânea (que o tempo compilou, não eu, e que admite peças pretéritas que não me atrevi a emendar, porque as escrevi com outro conceito de literatura) seja menos evidente que a diversidade geográfica ou histórica dos temas. De todos os livros que fiz dar à estampa, nenhum, creio, é tão pessoal como esta coletânea e desordenada *silva de varia lección*, precisamente porque é pródiga em reflexos e interpolações. Poucas coisas me aconteceram e muitas coisas li. Ou melhor: poucas coisas me aconteceram mais dignas de memória que o pensamento de Schopenhauer ou a música verbal da Inglaterra.

Um homem se propõe a tarefa de desenhar o mundo. Ao longo dos anos, povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de naus, de ilhas, de peixes, de moradas, de instrumentos, de astros, de cavalos e de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem de seu rosto.

J. L. B.

Buenos Aires, 31 de outubro de 1960

FIM

DIGITAL Source
Viciados em Livros
seu grupo de compartilhamento de ebooks



# Table of Contents

Folha de Rosto
Índice
A Leopoldo Lugones
O fazedor
Dreamtigers
Diálogo sobre um diálogo
As unhas
Os espelhos velados
Argumentum ornithologicum
O cativo
O simulacro
Delia Elena San Marco
Diálogo de mortos
A trama
Um problema
Uma rosa amarela
A testemunha
Martín Fierro
Mutações
Parábola de Cervantes e de Quixote
Paradiso , XXXI , 108
Parábola do palácio
Everything and nothing
Ragnarök
Inferno, I, 32
Borges e eu
Poema dos dons
O relógio de areia
Xadrez
Os espelhos
Elvira de Alvear
Susana Soca
A lua
A chuva
À efígie de um capitão dos exércitos de Cromwell

A um velho poeta
O outro tigre
Blind Pew
Alusão a uma sombra de mil oitocentos e noventa e tantos
Alusão à morte do coronel Francisco Borges (1833-1874)
In Memoriam A. R.
Os Borges
A Luís de Camões
Mil novecentos e vinte e tantos
Ode composta em 1960
Ariosto e os árabes
Ao iniciar o estudo da gramática anglo-saxônica
Lucas XXIII
Adrogué
Arte poética
Museu
    Do rigor na ciência
    Quadra
    Limites
    O poeta declara seu renome
    O inimigo generoso
    Le regret d'Heraclite
Epílogo